



Matrizes

ISSN: 1982-2073

ISSN: 1982-8160

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

CANTARELA MATHEUS, LETICIA; GUIMARÃES ROSA DO AMARAL, MARIA CRISTINA

Tradição e vanguarda na pesquisa em comunicação

Matrizes, vol. 15, núm. 2, 2021, pp. 279-286

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i2p279-286>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143068488010>

- ▶ [Cómo citar el artículo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Más información del artículo](#)
- ▶ [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Tradição e vanguarda na pesquisa em comunicação

Research lore and vanguard in communication studies

LEITICIA CANTARELA MATHEUS^a

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

MARIA CRISTINA GUIMARÃES ROSA DO AMARAL^b

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

RESUMO

Resenha do livro *Comunicação e Método: Cenário e Práticas de Pesquisa*, lançado no final de 2020, no qual Marialva Barbosa aponta tendências metodológicas na pesquisa em comunicação a partir de 109 teses defendidas em 2017 em programas de pós-graduação nota 5 ou superior. A autora tipifica quatro modelos-síntese para essas tendências, defende uma escrita comunicacional ensaística, um trabalho intelectual de interpretação e transformação da realidade social e estabelece a distinção entre as técnicas analíticas e o desenho teórico-metodológico de uma pesquisa.

Palavras-chave: Metodologia, campo comunicacional, epistemologia

ABSTRACT

Review of the book *Comunicação e Método: Cenário e Práticas de Pesquisa*, launched in 2020, in which Marialva Barbosa suggests methodological trends in communication research, based on 109 theses defended in 2017 in Graduate Programs graded Capes 5 or higher. The author typifies four synthesis-models for these trends, advocates for an essayistic communicational writing, an intellectual work of interpretation and of transformation of social reality, and establishes a distinction between analytical techniques and the theoretical-methodological design of research.

Keywords: Methodology, communicational field, epistemology

^a Procientista, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-Uerj), lidera o Grupo de Pesquisa “Linguagem, Acontecimento e Poder” (Linap). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2860-2607>. E-mail: leticia_matheus@yahoo.com.br

^b Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom-Uerj) e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6103-4808>. E-mail: cristina.gramaral@gmail.com

O LIVRO DE MARIALVA Barbosa, *Comunicação e Método: Cenário e Práticas de Pesquisa*, enfrenta simultaneamente dois mitos recentes que se complementam e se retroalimentam na pesquisa em comunicação: o fetiche do método e o tabu do ensaio. Nos últimos não mais de dez anos, parece crescente a angústia de pós-graduandos diante da curiosa tarefa de ter que definir o método *antes* de começar a pesquisa. Nesse sentido, esse livro pode tanto aliviar quanto piorar essa agonia de pesquisadores iniciantes pela mesma razão, ao mostrar que o método é uma construção singular realizada *durante* o processo de pesquisa. Se, por um lado, a explicação da autora permite descomprimir o peito dos ansiosos, que descobrem não ser necessária adivinhação sobre a técnica que deverão aplicar, por outro, aumenta a pressão sobre aqueles que não possuem vocação criativa ou crítica.

Essa nova obsessão com uma seleção mágica do método se traduz frequentemente em textos mecânicos, reduzidos a meras descrições, sem o necessário risco dos porquês, na ânsia de responder a uma demanda imaginária de cientificidade importada de outros campos. O combate pela lógica própria da área passaria, em primeiro lugar, pela defesa da qualidade do texto, quando a autora afirma ser o ensaio a forma por excelência da escrita comunicacional. Aqui ela se refere a *ensaio* como trabalho que apresenta interpretação e análise social, ou seja, discute os resultados da pesquisa, não simplesmente expõe os dados. O texto *ensaístico* que ela defende passa longe de reflexões especulativas ou de textos que versam livremente sobre certos temas. Aqui, ensaio seria sinônimo de texto agradável que, ainda assim, apresenta evidências empíricas. Mas essa concepção vai além. A produção intelectual requer mais do que beleza e evidências: exige um gesto interpretativo singular que se expressa também na arquitetura metodológica da pesquisa e na forma como o intelectual trata os dados.

Feita esta introdução, passemos àquilo que a obra *não* é. O livro *não* é um manual. Não enumera, descreve ou ensina a utilizar as técnicas mais usuais na pesquisa de comunicação. Em vez disso, ao apresentar exemplos e discutir metodologias, Barbosa elege abordagens criativas para enfatizar a forma como elas foram ancoradas em um fundamento teórico definido. O livro, na verdade, assemelha-se mais a um mapa, desses que mostram vários caminhos, obstáculos e locais seguros, percursos que foram experimentados e abandonados, desvios, atalhos, rotas que se transformaram em outras. Inspirada na cartografia metodológica de Martín-Barbero (2004), Barbosa faz um traçado que não leva necessariamente a um destino final, mas ilustra possibilidades e desenha a comunicação como a grande ciência capaz de dar conta dos fenômenos humanos do século XXI, como defendeu Sodré (2011, 2014).

Embora pesquisadores profissionais sejam capazes de enxergar o método de boa parte das pesquisas sem que o autor precise descrevê-lo como uma ata,

Barbosa parece ter querido apresentar seu pensamento de forma mais explícita nesse livro, registrando o que ensina a seus orientandos e alunos desde os anos 1990. Essa não foi a primeira vez (Barbosa, 2002, 2007). Em outros textos (Barbosa, 2005), ela explicou as origens de sua formação hermenêutica, vinda da história, ainda que naquele momento sua atenção estivesse voltada para o jornalismo. Sua visão se amplia nessa obra, sobretudo depois do impacto de Sodré (2014) em seu pensamento.

Paradoxalmente, o livro também *não é* uma discussão epistemológica sobre metodologia no campo da comunicação. Como deixa claro no início do segundo capítulo (p. 33), Barbosa não reivindica esse lugar de especialista e não há proposta de ruptura no campo, pelo contrário. Sua visão sobre metodologia é bastante parecida à de Martino (2018) e de Braga (2011), por exemplo. A sua contribuição aparentemente pretende reforçar o combate pela manutenção de uma epistemologia própria do campo, que parece ameaçada por trabalhos excessivamente descritivos, que não arriscam interpretações sociais, ou recortados em mídias, em vez de mediações, desprovidos de uma filosofia que os sustente.

O volume é dividido em duas partes. Na primeira, a discussão gira primordialmente em torno do campo teórico da comunicação e de que forma ela se constrói como área acadêmica. A abordagem é dupla, pela reflexão e pelo resgate da prática. Primeiro, a autora faz um retrospecto do saber científico ao longo dos séculos, mas dispensa o objetivo estéril de abarcar toda a história do conhecimento. Talvez por isso esses primeiros capítulos possam parecer um pouco superficiais. Mas a viagem tem um norte, e a exploração, um propósito: discutir a historicidade dos processos comunicacionais; como é considerada a questão comunicacional em cada perspectiva epistemológica. E essas perspectivas se sucedem, na busca da definição do fundamental: se as formas do conhecimento pertencem ao sujeito, ao objeto ou a algum tipo de relação entre ambos.

Se o conhecimento é mero registro de dados, feito pelo sujeito, dados que existem independentemente no mundo exterior físico e ideal ou se, ao contrário, o sujeito intervém ativamente no processo e na organização do objeto que, na verdade, não existe em essência mas emerge no próprio processo de produção do conhecimento. (p. 23)

A trajetória chega até a *virada linguística* dos anos de 1960, que abre caminho para o ceticismo e teorias pós-modernas que “afirmam a descontinuidade entre narrativa e realidade, argumentam que a organização do texto como relato se impõe aos fatos, sendo a narrativa sempre produto de uma construção imaginária, perdendo sua aura de veracidade (mesmo quando se apoia em fontes)” (p. 25). Aqui a autora se distancia mais uma vez de uma escrita convencional em

um livro de metodologia e práticas de pesquisa, ao se posicionar abertamente e criticar pontos de vista e paradigmas, em especial o “estilhaçamento de saberes” a que as teorias pós-modernas teriam conduzido. Mas o leitor não é pego de surpresa; já no primeiro parágrafo da introdução Barbosa avisa que

não há possibilidade, por mais que os cânones tradicionais da escrita e academia proponham, de esvaziamento do si mesmo na produção de algo que sai de dentro daquele que escreve, para ser incluído, no momento seguinte, no olhar daquele que, em múltiplos tempos, o lerá. (p. 9)

Essa convicção perpassa todo o livro, do incentivo ao uso da primeira pessoa no texto de teses e dissertações à reflexão sobre a necessidade de luta em um momento em que a ciência tem sido desacreditada, enquanto “a indiferença, o individualismo, a anestesia diante do sofrimento têm sido ações frequentes neste mundo novo muitas vezes não tão admirável” (p. 31).

Estabelecer um campo comunicacional, definir um objeto de estudo, defender uma área do conhecimento como pertencente à comunicação faz parte de um debate travado mais acaloradamente a partir dos anos 1990. Entre outros obstáculos, a autora aponta para o fato de que a comunicação sempre se serviu de metodologias oriundas de outras áreas – o que ela não vê como problema, ao contrário – e para a quebra de certezas conceituais, dilema partilhado com outras ciências humanas, que levou a uma multiplicidade temática na pesquisa em comunicação, “muitas vezes sem o rigor de uma conceituação teórica metodológica” (p. 34). Citando Rüdiger (2007) e Sodré (2011), Barbosa se pergunta se, em um mundo governado pela comunicação, não seria a comunicação “um lugar de síntese dos conhecimentos das ciências sociais, onde, sob a égide do comunicacional, seriam condensados saberes dispersos? Não seria a comunicação, nesse sentido, a ciência do século XXI?” (p. 35), como defendeu em resenha publicada nessa mesma revista (Barbosa, 2015) sobre Sodré (2014). Na medida em que a área estaria em vias de superação das amarras midiáticas, como diz a autora citando Braga (2011), trata-se de “desentranhar o comunicacional dos nossos objetos” (p. 13). Igualmente, como ensina Martino (2018), é preciso encontrar a comunicação em nossos objetos. Não há, na obra de Barbosa, proposta de ruptura. Pelo contrário, ela se alinha a esses estudiosos clássicos de metodologia na comunicação como forma de defender uma posição de pesquisa tradicional que parte da empiria e que não se reduz a uma mera descrição, devendo haver pensamento em toda pesquisa social, isto é, um fundamento e um projeto filosófico. O pensamento não está, evidentemente, apenas em um subitem chamado *discussão dos resultados*, mas

se encontra na *forma* de pensar, que é o método. O método, portanto, não pode estar antes da empiria que conduz a diferentes lugares e obriga o pesquisador a inventar caminhos para responder às suas inquietações e a fazer novas perguntas.

A partir desse ponto, Barbosa parte para o estudo da práxis: traça uma trajetória das tendências e das pesquisas na área. A linha do tempo começa nos anos de 1970, época que coincide com a institucionalização dos cursos de comunicação no Brasil, e chega a 2017, com a análise de 109 teses defendidas naquele ano. Além da consolidação das subáreas da comunicação reconhecidas ao longo da constituição do campo, a pesquisa mostrou que os trabalhos se orientam, gradativamente, pela perspectiva de que a comunicação não se ocupa apenas dos meios e dos processos midiáticos, buscando refletir sobre questões mais profundas que atravessam os tempos, como a ética discursiva, os fluxos comunicacionais, as processualidades das práticas.

Parte-se da percepção de que o mundo contemporâneo é comunicacional e que, portanto, a compreensão e o entendimento da ação humana só são possíveis a partir de reflexões da comunicação. A comunicação, nesse sentido, propõe a quebra de fronteiras entre a lógica disciplinar do século XX e a organização os saberes em torno de questões que ultrapassam a constituição de campos isolados de conhecimento. (p. 60)

A partir desse quadro, ela avaliou que, das 109 teses estudadas, 82 ainda faziam um recorte em torno de objetos midiáticos ou subáreas de conhecimento, enquanto 27 já tinham como fundamento a ideia da comunicação como “saber síntese do século XXI” (p. 60), novamente sob a influência clara de Sodré (2014). É a partir destas 27 teses que ela cria uma tipologia das tendências metodológicas do campo, apresentadas de modo aprofundado na segunda parte do livro.

Nessa segunda parte, é possível compreender uma distinção que costuma ser um grande desafio para os orientadores iniciantes: explicar a seus orientandos a diferença entre método – a forma-pensamento que uma tese, por exemplo, assume – e as múltiplas técnicas de análise. Ali são sistematizados os passos de um projeto de pesquisa científica: a formulação do problema; a construção do modelo teórico; a relação entre teoria e metodologia; a construção do corpus e a interpretação. O interessante é que isso é feito mostrando os percursos na prática, aproveitando a produção dos próprios alunos, trazendo exemplos concretos de caminhos metodológicos já traçados por pesquisadores. Para isso, a autora inverte, no livro, o método de sala de aula dos cursos de metodologia. Na falta de alunos reais para contarem suas ideias, ela pega uma amostra de teses e faz o percurso inverso: reduz seus desenhos metodológicos às formas retrospectivas de projeto, de modo a ilustrar o que, para ela, seriam as tendências do campo.

Mais uma vez, a ênfase é na necessidade de a metodologia derivar da teoria: não é possível construir um problema de pesquisa ou pensar em métodos sem a escolha de um referencial teórico que pertença a uma mesma linhagem, a um mesmo lugar teórico, ainda que os diferentes autores possam guardar divergências entre si. São as teorias que constroem os caminhos metodológicos, e pensar a metodologia exclusivamente como uma ferramenta que possibilite a construção de uma relação científica com o objeto empírico é um equívoco que leva a muitos outros (p. 10).

Para isso, a pesquisa em comunicação não deve ser engessada. Ao contrário, no sexto e último capítulo, Barbosa apresenta trabalhos criativos na análise dos materiais empíricos, “movimentos dissonantes em torno das possibilidades de análise em atitudes imersivas” (p. 113). O leitor então é apresentado ao detalhamento das perspectivas metodológicas que Barbosa tipificou como: 1) o modo do desalinho; 2) as escritas de interstícios; 3) as constelações; e finalmente 4) a errância.

O primeiro seria o modo da cartografia, segundo o qual o pesquisador não se preocuparia em apresentar uma descrição rígida, um registro de um fenômeno, mas o abordaria a partir de múltiplos conceitos, sem um recorte em torno de um único conceito ou teoria. De acordo com a autora, esse seria o método segundo o qual o objeto falaria por o conjunto de experiências e sensações que provoca no pesquisador que se *desorganiza*. A segunda perspectiva trabalha características a serem observadas em um corpus empírico volumoso, cujo recorte é amplo e que tem nas características a serem observadas – elegidas pelo pesquisador – os interstícios que ligam, separam e formam o próprio corpus. A lógica dessas variáveis só pode ser percebida justamente nas brechas dos objetos. A terceira vertente, que a autora chama de “constelações”, é a construção de um corpus a partir de objetos heterogêneos, de modo que o próprio arranjo do material empírico já se configura em um gesto analítico. Por fim, “errâncias” se refere à etnografia.

Essas seriam, na opinião da autora, as quatro arquiteturas metodológicas coerentes com a proposta de Sodré (2014) sobre a comunicação para o século XXI. Portanto, sua visada não é um diagnóstico representativo da área, mas uma seleção daquelas teses que, em sua interpretação, atendem com mais autonomia à superação definitiva dos recortes em torno de mídias, passando pelos processos de Martín-Barbero (2003) e indo em direção a uma filosofia do comum, como propôs Sodré (2014).

Barbosa explica também que sobressaíram propostas semiótico-discursivas, etnográficas e cartográficas (p. 93), porém a autora não negligencia as técnicas de análise – questionário, análise fílmica, análise de texto, entrevistas, observação em campo, análise documental – bem como as escolhas preferenciais do

corpus empírico. Fica claro que, ao falarmos em método, deve haver precisão: se estamos nos referindo à construção teórico-metodológica que materializa o pensamento do pesquisador ou a simples ferramentas.

O interesse da autora pela inovação não é gratuito e segue a busca por uma epistemologia própria, por um saber e um fazer comunicacionais. A eles corresponderia – por que não? – uma escrita própria, uma escrita comunicacional. Barbosa deixa claro que, quando fala de escrita comunicacional, refere-se a “um devir e não ao que construímos, hoje, como textualidades nos projetos” (p. 109). Mas traz de Sodré a noção da comunicação como a ciência do comum, como “o lugar em que a vida se institui, se relaciona, se organiza” (p. 108). Nesse lugar, diz a autora, não há espaços para uma trama escriturária governada pelos parâmetros discursivos de uma ciência que não corresponde à dimensão contemporânea da ação humana, que é uma dimensão comunicacional.

O livro de Marialva Barbosa parte de sua experiência de mais de 40 anos como professora – muitos deles ensinando metodologia –, porém *Comunicação e Método: Cenário e Práticas de Pesquisa* não dispensa a leitura de outras obras mais estruturadas sobre a história das teorias da comunicação ou sobre metodologia. Ao contrário, o leitor irá lucrar com um embasamento teórico anterior, que permita identificar, na escrita da autora, parcialidades – por exemplo, aponta a imersão como tendência de vanguarda de pesquisa, e ignora as técnicas quantitativas, que não apareceram na amostragem.

Por fim, pode-se dizer que o livro resgata o *passo a passo* intelectual em um caso específico e, de forma geral, cumpre com sua ambição: “partilhar processos e reflexões acumuladas em décadas de docência da disciplina, de forma a continuar apoiando os jovens pesquisadores que, iniciando-se na seara da pesquisa, defrontam-se com problemas metodológicos” (p. 9). Ela assume a ciência como força transformadora, pois, segundo a autora, “a prática científica é, assim, sempre política e revolucionária, na medida em que propõe mudanças para tornar o mundo mais compreensível e, portanto, mais habitável” (p. 73). No final da leitura, o estudante ou pesquisador iniciante fica com a noção de que a base teórica é o fundamento de qualquer método científico; que a comunicação é a grande ciência do século XXI e que o pesquisador deve desenvolver autonomia intelectual. ■

REFERÊNCIAS

Barbosa, M. (2002). Conceitos, armadilhas, olhares: Apontamentos metodológicos para a consolidação de um campo transdisciplinar. *Ciberlegenda*, (9). <https://bit.ly/2R96PnG>

- Barbosa, M. (2005). O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. *Contracampo*, (12), 51-62. <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i12.558>
- Barbosa, M. (2007). *Percursos do olhar: Comunicação, narrativa e memória*. EdUFF.
- Barbosa, M. (2015). Comunicação: A ciência do século XXI. *MATRIZES*, 9(1), 267-271. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p267-271>
- Braga, J. L. (2011). Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, 25(58), 62-77. <https://doi.org/10.4013/924>
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Loyola.
- Martino, L. M. S. (2018). *Métodos de pesquisa em comunicação: Projetos, ideias, práticas*. Vozes.
- Rüdiger, F. (2007). A comunicação no saber pós-moderno: Crítica, episteme e epistemologia. In J. Ferreira (Org.), *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação* (pp. 25-40). E-papers.
- Sodré, M. (2011). *Antropológica do espelho*. Vozes.
- Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: Notas sobre o método comunicacional*. Vozes.

Artigo recebido em 16 de março de 2021 e aprovado em 25 de maio de 2021.